

INÁ CAMARGO COSTA

Universidade de São Paulo

LS: *Quais os conceitos que consideraria mais centrais e fecundos na obra crítica e historiográfica de Antonio Candido?*

ICC: Antonio Candido não tem obra historiográfica, pelo menos não no sentido usual. E sua verdadeira contribuição para a história da literatura no Brasil, que consiste em pensar a produção literária aqui neste fim de mundo como um *processo* extremamente *contraditório*, até agora não foi devidamente incorporada por aqueles que se dedicam a este trabalho. *Formação da literatura brasileira*, que muita gente insiste em considerar uma história da literatura brasileira, para melhor criticá-la por aquilo que não é (e dizer que falta isto, falta aquilo...), vem a ser nada mais nada menos que uma das principais obras do conjunto de ensaios de interpretação do Brasil que levam o nome de “Formação”, como já demonstrou Paulo Arantes. Este livro de Antonio Candido, entre outras coisas, com análises até hoje insuperadas de incontáveis obras da literatura que se produziu no Brasil nos séculos XVIII e XIX, toma como problema (e ponto de partida) a seguinte pergunta, que decorre da constatação de uma contradição básica na *ideologia da literatura brasileira*: como explicar que, *em país que não se formou*, tenha-se formado uma literatura tão relevante que produziu até um escritor do nível de Machado de Assis? Só o problema já distingue o nosso crítico dos românticos e demais idealistas, que acreditavam, *e ainda acreditam*, ser possível contribuir para a formação (ou construção) do país através da literatura, pois estamos falando de um profundo analista do Brasil que já declarou em entrevista ser este um país horroroso, um dos piores do mundo e, por este feito, classifica as nossas classes dominantes como delinquentes.

Na obra crítica, da qual *Formação da literatura brasileira* faz parte, o conceito central, e por isso mesmo raramente enunciado, é o de dialética, entendida como o único método em condições de explicar o movimento do pensamento (e, por consequência, tanto no trabalho literário quanto no trabalho crítico), na medida em que expõe os modos e as contradições nos quais o conteúdo (a experiência

social brasileira) vira forma e as formas viram conteúdo. No capítulo “Formas viram conteúdo”, nosso Mestre também ensinou a ver como a nossa literatura é um galho secundário da literatura portuguesa que, por sua vez, é um arbusto de segunda ordem da literatura ocidental (europeia). Entre outras coisas, trata-se de entender que, como tudo o mais que define o Brasil, país que vem se construindo sobre o genocídio das populações nativas, a exploração de contingentes africanos escravizados, e de trabalhadores pobres expulsos de diversos países da Europa, a própria literatura faz parte do processo de dominação enquanto veículo de imposição da língua portuguesa e dos valores da civilização cristã-ocidental, a par da concomitante desqualificação de todas as demais línguas que, não obstante continuarem a ser faladas, não obtêm direito de cidadania no país. Por último, é por ser fundamentalmente dialética que *Formação da literatura brasileira* ensina a ver como e por que as formas importadas e prontas “não funcionaram” e assim mesmo “funcionaram” aqui (está no prefácio: “uma aclimação penosa da cultura europeia”) até que os nossos escritores se colocaram a tarefa de “dotar o país de uma literatura” e, para tal, passaram a dialogar criticamente entre si e com os seus antecessores locais. Foi este diálogo crítico que permitiu, finalmente, a produção dos ajustes necessários nas formas importadas para que as obras pudessem começar a configurar uma “literatura brasileira”. Foi o que fez Machado de Assis e, por isso, com este escritor já é possível proclamar *habemus litteraturam*. O que, por sua vez, não quer dizer muita coisa, já que o país prosseguiu e prossegue em construção, aprofundando a barbárie generalizada a que muito consumidor de literatura (críticos literários incluídos) chama de civilização. E sendo o Mestre dialético, para ele, esse mesmo consumo de literatura (qualquer que seja: nacional ou importada) tem função humanizadora na medida em que, por sua própria natureza, a literatura contribui para dar forma à nossa percepção crítica do país e do mundo. Por isso mesmo, o Mestre sempre foi favorável à luta pela erradicação do analfabetismo no país que, como todos sabem, até bem pouco tempo atrás era da ordem de 70% da população. Com essa consciência (enunciada em crônica em termos exatos por Machado de Assis), a pergunta que deu origem a *Formação da literatura brasileira* pode ser formulada de outra maneira: o que significa a literatura em um país que não sabe ler?

LS: Neste sentido, que obra ou que ensaio lhe parece exemplar?

ICC: Como o método pauta a obra como um todo, não há razão para destacar nenhuma. Apenas a título de curiosidade, recentemente (2002) foi resgatado do esquecimento um artigo de autoria de Antonio Candido publicado na revista *Sociologia* em 1948. Trata-se de uma introdução ao estudo da aristocracia europeia, *O nobre*. Ali se pode ver o processo histórico no qual se forjou essa categoria social: na prestação de um serviço de caráter econômico-militar (proteção armada dos domínios dos senhores) que era recompensado com os chamados feudos, porções de terra que, muito mais tarde, passaram a corresponder a títulos, como

os de duque, marquês, conde e outros. Novamente, não se trata de escrever uma história dessa categoria social, mas de expor o *processo histórico* que a produziu. E, ao fazê-lo, nosso Mestre está permanentemente atento ao modo como as formas viram conteúdo, inclusive literário e, sobretudo, às formas do conteúdo, que sempre é histórico. Com isso, ele pode explicar sem as habituais mistificações o significado e os interesses muito materiais sobre os quais se assentam noções aparentemente inefáveis como ‘honra’, ‘fidelidade’, ‘perjúrio’ e assim por diante. Avançando mais um pouco, podemos dizer que honra, fidelidade e perjúrio são formas de relações sociais que depois se transformaram em conteúdos de poemas, romances, peças teatrais, etc.

Na mesma entrevista, concedida em 1995 a professores nordestinos e publicada em *Investigações* em 1997, acima referida, encontra-se a seguinte declaração a respeito de seu método: “tanto a partir da sociologia acadêmica quanto a partir do marxismo, eu fiquei com duas obsessões. A primeira obsessão é explicar o aparente pelo oculto, e a segunda é raciocinar em função dos contrários. Tudo o que eu escrevo, pode-se notar mais visível ou menos visível, é sempre feito em função dos contrários, é um processo dialético, é e não é, pode e não pode, era e não era. A partir daí eu procuro tirar minhas diretrizes.”

LS: *A perspectiva de Antonio Candido tem vigência crítica no cenário atual?*

ICC: Seria bom se tivesse, mas, pelo menos até a mais recente crise do mercado financeiro globalizado, que, segundo um articulista do *Financial Times*, tem potencial para destruir a própria legitimidade do capitalismo (eles preferem dizer economia de mercado), os tempos não são favoráveis a esse grau de exigência crítica. Pelo contrário, a hegemonia ainda está com a desconversa do mercado, tanto o da produção em geral, inclusive a literária, quanto o das carreiras acadêmicas. Até os pesquisadores simpatizantes da obra de Antonio Candido acabam se curvando aos ditames mercadológicos que, é bom não esquecer, são impostos pelas agências estatais de fomento à pesquisa e acabam determinando até mesmo o rumo das *linhas de pesquisa*, que nunca foram tão diretamente submissas a critérios de “produtividade” como agora (quem já participou da elaboração de um relatório Capes sabe do que estou falando). Não se forma em dois anos um pesquisador com interesse pelo pensamento dialético, na caridosa hipótese de que haja professores dispostos a promover tal formação, assim como em uma semana não é possível escrever um “*paper*” (para participação em congresso) que contenha alguma contribuição crítica relevante.

Dialeticamente, o cenário atual por assim dizer *pede* a perspectiva de Antonio Candido, mas não se pode esperar demais de trabalhadores cerebrais que precisem garantir suas carreiras e assegurar o leite das crianças... Por enquanto, são as relações capitalistas de produção que dão régua e compasso a todos. A perspectiva de Antonio Candido depende da posição política por ele adotada desde a mais tenra juventude: “O socialismo tinha se tornado aos poucos para mim a convic-

ção arraigada de que é o melhor sistema para organizar a sociedade de maneira mais humana; dessa convicção nasceu o sentimento de que, se assim é, cada um deve fazer alguma coisa por ele na medida das suas forças.” Sem a perspectiva do socialismo, o pensamento dialético também não tem interesse.

Para concluir apresentando a principal razão para a vigência meramente residual de sua perspectiva crítica, podemos citar, com as devidas adaptações, um autor revolucionário que o Mestre sempre leu com interesse: “supondo que não seja diretamente hostil às idéias coletivistas, na melhor das hipóteses a *intelligentsia* permanece distante e indiferente em relação à vida e às lutas das massas trabalhadoras. Quanto mais claramente o socialismo revela o seu conteúdo, quanto mais fácil para que todas as pessoas compreendam a sua missão histórica, mais decididamente a *intelligentsia* se afasta dele, pois esta camada social é constituída por pessoas demasiado enfasiadas, demasiado cínicas, com um ar por assim dizer excessivamente *blasé* para que suas almas sejam tocadas por uma revelação, mesmo a mais comovente, a respeito do significado cultural do socialismo.” Uma ruptura política com a burguesia e seus interesses ideológicos só pode ser pensada se não acarretar graves consequências materiais e morais para cada trabalhador cerebral.

O prestígio de Antonio Candido em nosso mundinho intelectual se explica pelas condições da época em que produziu sua obra e formou mais de uma geração de discípulos. Mas a mudança dos ventos, aliada ao combate sistemático às suas proposições críticas, bem como a sua recusa em se adaptar à degeneração antirrevolucionária da nossa *intelligentsia* universitária, primeiro minaram sua “popularidade” e, mais recentemente, têm impedido até mesmo a leitura honesta de sua obra por parte dos novos candidatos a luminares da *ideologia da literatura*.